

GRAZIELA
GONÇALVES

SE NÃO EU, QUEM VAI
FAZER VOCÊ FELIZ?

MINHA HISTÓRIA DE AMOR
COM CHORÃO

B I
B I
B I
B I

Copyright © 2018 by Graziela Gonçalves

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO *Ale Kalko*
FOTOS DE CAPA E MIOLO *Acervo pessoal;*
p. 76 Shin Shikuma; pp. 150-1, 174 e 259: Jerri Rossato Lima
REDAÇÃO *Zé Antonio Algodoal*
PREPARAÇÃO *Silvia Massimini Felix*
REVISÃO *Viviane T. Mendes*
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gonçalves, Graziela

Se não eu, quem vai fazer você feliz? / Graziela Gonçalves.
– 1ª ed. – São Paulo : Paralela, 2018.

ISBN 978-85-8439-126-4

1. Abrão, Alexandre Magno, 1970-2013 – Chorão
2. Gonçalves, Graziela 3. Charlie Brown Jr. (Conjunto musical)
4. Memórias autobiográficas 5. Música brasileira
6. Música popular – Brasil – História 1. Título.

18-18309

CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas 920

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

INTRODUÇÃO



urante a infância, muitos meninos sonham em se tornar bombeiros. Não sei se é pelo prestígio do uniforme ou pela vontade de enfrentar o perigo e bancar o herói, mas essa profissão sempre fascinou a molecada. E certo dia de 2012, o Alexandre, com 42 anos, saiu de casa decidido a se tornar bombeiro, apesar de nunca ter pensado nisso quando criança.

“Gra, eu já volto.”

Ouvi a porta da frente da nossa casa bater. Eu já sabia para onde o Alê — como eu o chamava na maioria das vezes — estava indo, mas fiquei receosa de qualquer maneira. Nos últimos dois anos, a preocupação com o humor dele já tinha se tornado uma constante na minha vida. Apesar do retorno recente e bem-sucedido da formação antiga do Charlie Brown Jr. (depois de uma briga que se tornou pública), com uma agenda cheia de shows para cumprir, o estado de espírito dele era de insatisfação permanente.

“Vou largar tudo, Tiri. Preciso encontrar outro sentido pra minha vida. Quero fazer alguma coisa que me preencha, alguma coisa que faça eu me sentir vivo de novo”, ele tinha me dito poucos dias antes, me chamando por um apelido que a gente curtiá usar um com o outro.

Com essa ideia na cabeça, o Alê saiu naquela tarde e foi até o Corpo de Bombeiros, perto do prédio onde mo-

rávamos em Santos. Estava decidido: ia tentar se tornar bombeiro. Queria se sentir útil, salvar pessoas, ter contato direto com a vida real, que ele não sabia mais como era. Alguns minutos antes, quando o Alê me contou o que pretendia fazer, apesar da surpresa, eu o apoiei. Para mim, valia qualquer coisa para vê-lo feliz de novo depois de meses que foram um verdadeiro inferno, causado, entre outras razões, pela dependência química

Porém, nada é tão simples assim no mundo real. Ele voltou para casa depois de algum tempo, com o rosto molhado das lágrimas que ainda caíam. O Alê descobriu que existe uma série de procedimentos e exigências para ser bombeiro. Uma delas é a idade, que ele já tinha ultrapassado.

Ele me abraçou chorando, desolado, e pude sentir a intensidade do desespero dele. Ficamos abraçados no hall de entrada da nossa casa por um longo tempo, enquanto eu buscava alguma palavra de consolo. Meu abraço era tudo o que eu podia oferecer naquele instante. O Alê — que o Brasil todo conhecia como Chorão — tinha alcançado tudo o que um dia sonhara para a sua vida. No entanto, nunca havia se sentido tão infeliz.

Naquele dia não havia dinheiro, sucesso ou qualquer coisa que fosse suficiente para preencher o vazio dentro dele. O Alê estava disposto a trocar tudo por uma vida mais simples. Infelizmente não achou resposta para toda

aquela dor e, passado pouco mais de um ano, partiu, deixando a mim e a todo o Brasil desolados. No entanto, muito antes disso a minha vida havia sido transformada para sempre por ele. Uma história única, bela e triste, que passo a contar agora.





Eu, de bandeirante,
com dez anos,
na porta de casa:
uma infância
muito feliz.

A mesa farta enchia os olhos dos convidados para o almoço de aniversário da vó Maria. Lá estavam os irmãos dela com esposas, maridos e filhos. A família toda tinha se reunido para comemorar a data especial. E estava sendo especial mesmo.

Depois de dias de céu cinza e garoa fina ininterrupta, o sol resolveu dar o ar da sua graça e brilhava feliz naquela quinta-feira de inverno santista do dia 29 de julho de 1971. A aniversariante, dona Maria Aparecida, minha avó materna, era uma referência para toda a família. De origem simples, com o seu jeito carinhoso porém firme, seus quitutes de dar água na boca e suas toalhas de crochê impecáveis, fazia da casa dela o lugar perfeito para todos se reunirem. O almoço teve parabéns e bolo de chocolate, e se estendeu até o cafezinho da tarde.

Quando a maioria dos parentes já tinha ido embora, à noite, minha mãe começou a sentir um leve desconforto, achando que havia comido demais. Desconforto que nada: era eu que estava querendo nascer! Algumas horas depois, vim ao mundo de parto normal. Uma bola ruiva com mais de quatro quilos, naquele mesmo dia 29. Foi um presente para minha avó ver sua primeira neta nascer bem no dia do seu aniversário. Cheguei a este plano num ano governado por Vênus, planeta do amor e das artes; no dia da semana cujo padroeiro é Júpiter, planeta da sorte, expansão, aventuras e exageros; e sob o signo de Leão, que tem o Sol como regente. Para muitas pessoas isso tudo não faz a menor diferença, mas para mim explica em grande parte a maneira como fiz minhas escolhas e conduzi meu caminho.

Passei a infância e parte da adolescência na segunda quadra da rua Vahia de Abreu, entre a avenida Francisco Glicério, onde hoje passa o VLT (um trem urbano que corta a cidade), e a rua Alexandre Herculano, no bairro do Boqueirão, em Santos. Nossa casa era bem pequena, tinha um quintalzinho em L que contornava uma lateral e os fundos da casa e, na frente, um jardim onde meu irmão e eu plantamos uma árvore: a minha era uma pitangueira e a dele, um abacateiro, que aparecia na letra de “Refazenda”, uma das nossas músicas preferidas do disco homônimo do Gilberto Gil que não saía da nossa vitrola.

A Vahia de Abreu era uma rua pacata, na qual passavam poucos carros. O lugar ideal para um bando de crianças que morava nas redondezas se divertir com muita liberdade. Algumas pessoas consideravam a região um pouco barra-pesada, graças à chamada Turma da Vahia, uma das muitas gangues santistas da época, famosa pelos confrontos com outros grupos na saída das dominieiras da cidade. Alguns deles podiam até ser da malandragem, mas a verdade é que, para quem morava ali, isso nunca representou perigo. Então, embora estivéssemos próximo desse cenário, cresci de maneira muito tranquila e saudável.

Vivia na rua brincando com a criançada, era mandona, me sentia a própria Mônica dos quadrinhos, sem coelho e numa versão praiana. Se mexessem com meu irmão, Beto, que é dois anos mais novo que eu, não pensava duas vezes e partia para cima de quem fosse para defendê-lo. A verdade é que eu era uma grande moleca: sempre descalça, de shorts e blusa frente única, brincando de esconde-esconde, queimada, jogando detetive ou fazendo campinhos para jogar taco, uma espécie de beisebol de rua, no meio do asfalto.

Definitivamente vestidinho cor-de-rosa e sapatinhos de boneca não serviam para mim. Tive uma infância muito feliz.

Uma fase da qual me lembro com muito carinho foi quando entrei para o grupo das bandeirantes — uma versão dos escoteiros só com garotas —, com nove anos. Quem me levou foi a tia Cristina, que na época era namorada do irmão da minha mãe, o tio Sérgio. Eu era fadinha, que é como as meninas mais novas são chamadas no movimento, e usava uma gravatinha amarela; tínhamos um boletim e eu sempre ganhava broches em formato de corujinhas, que eram como medalhas de boa conduta. Eu amava tudo aquilo. Aprendi muitas coisas nas reuniões e acampamentos: fazer fogo, construir um forno de barro e, acima de tudo, respeitar a natureza. Mas é claro que nem tudo são flores. Quando entrei na adolescência, passei por aquela fase terrível em que me sentia meio patinho feio: o nariz cresce, o cabelo fica rebelde, a gente se acha toda errada. Estava naquele período da vida em que você toma consciência de muitas coisas e entra na viagem de se comparar com os outros. Sempre tem a menina que é a mais bonita do mundo e por quem todos os meninos se apaixonam.

Eu não era a mais bonita nem a que tinha peito e muito menos a rica. Mas ainda era inocente demais para sacar que essas características não têm a menor importância. Para piorar, lá pelos onze, doze anos, minha mãe decidiu cortar o meu cabelo no estilo “Joãozinho”, supercurto. Ou seja, não me restava mais nem o cabelão que eu amava. Odiei! Acho que a intenção era facilitar a minha vida (e a dela), já que eu não tinha muita paciência para me pentear. A minha mãe também usava cabelo curtinho, estilo Elis Regina — elas, aliás, eram

muito parecidas naquela época. Esse episódio do corte de cabelo foi um dos maiores traumas da minha existência até aquele momento. Fiquei tímida, retraída, por um bom tempo. Cabelo, para mim, era uma espécie de escudo, um adereço que me protegia e trazia segurança. Até hoje, quando vou ao salão de beleza, sou daquelas que falam “corta só um dedinho!”. Tenho pânico de cortar cabelo.

Até os doze anos, meus pais se empenharam para que eu estudasse num colégio particular, de bacana — o Marza. Lá, tive de conviver com grandes diferenças, era um desses colégios em que todo mundo da sala já tinha ido para a Disney, menos eu. Os amigos eram legais, mas viviam uma realidade muito distante da minha. E eu sabia bem o sacrifício que meus pais faziam para que eu pudesse estudar lá, então não tinha drama.

Ao mesmo tempo que eu convivía com o pessoal mais fino do colégio, adorava chegar logo em casa, tirar o uniforme e ir para a rua me encontrar com a molecada. Eu gostava desse contraste. Já meu pai tinha verdadeiro horror ao meu lado rueiro, que para ele se traduzia em más influências, mas eu nem ligava. Minha família era simples, mas nossa vida era confortável.

Nessa época, minha mãe tinha um bom emprego na Refinaria Presidente Bernardes e meu pai trabalhava na Companhia Docas, até que, numa daquelas reviravoltas da vida, os dois perderam o emprego, e passamos a viver de forma bem mais apertada. Meu pai começou então a fazer serviços de transporte para a empresa de um amigo dele com um pequeno caminhão, e minha mãe se tornou funcionária pública, trabalhando como bibliotecária num colégio da rede municipal chamado Cidade de Santos.

Foi nesse período de dificuldade financeira que meus pais me disseram que não conseguiriam mais pagar as mensalidades da escola, e então fui estudar onde minha mãe trabalhava. Eu estava na sexta série, e tive que lidar com o fato de que não ia me formar com a turma com quem eu estudava desde pequena. Foi complicado aceitar, mas eu não tinha escolha, e no fim das contas acabei fazendo amizades inesquecíveis no Cidade.

Santos é uma cidade plana e relativamente pequena, tudo é perto e a praia é o lugar onde todo mundo se encontra. Ela é cortada de ponta a ponta por canais, numerados de 1 a 7, que, além de serem bem bonitos, servem como referência de localização para todos. Eu me lembro de sair com a galera da rua e descobrir a riqueza de uma cultura praiana de música, surfe e malandragem. Elementos que, juntos, criavam uma atmosfera de eterno playground juvenil, numa Santos pacata, sem a violência dos dias de hoje. Ainda havia aquele clima de cidade pequena, de interior, em que nas noites de verão os vizinhos armavam suas cadeiras de praia na rua, em frente de casa, para conversar e sentir a brisa.

Seria nesse cenário que mais tarde eu encontraria o amor da minha vida. Ir aos shows de rock que aconteciam no Caiçara Clube nos fins de semana era a balada obrigatória para qualquer um com mais de quinze anos (mesmo que para isso fosse necessário falsificar o RG, já que só se permitia a entrada dos maiores de dezoito). Era a época mágica do nascimento do pop rock nacional dos anos 1980: Titãs, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso, RPM, Barão Vermelho (com Cazuzza), Lobão, Ultraje a Rigor,



Eu, com dois anos,
na praia de São
Sebastião, no
litoral paulista:
versão praiana
da Mônica dos
quadrinhos.

Camisa de Vênus, Legião Urbana e tantos outros. Aliás, num desses shows, uma amiga conseguiu me levar ao camarim da Legião, e eu, apesar da timidez, peguei um autógrafo do Renato Russo, que tenho até hoje enquadrado com muito carinho entre duas lâminas de vidro. Nunca fui de fazer isso, mas, pô, era o Renato Russo, o cara foi um dos meus ídolos da adolescência.

As matinês de domingo também eram imperdíveis e aconteciam em três clubes: o Atlético, perto de casa, no Canal 3; o Sírio Libanês, o que eu mais frequentei; e o Internacional de Regatas, na Ponta da Praia, onde os playboyzinhos da cidade se reuniam. Eu me divertia muito, todo mundo dançava fazendo passinhos ao som da Madonna ou ao som do Herbert Vianna cantando “Se as meninas do Leblon não olham mais pra mim” e se esgoelava na hora do refrão, quando o DJ abaixava o volume e deixava a galera cantar.

Minha relação com esses clubes foi assim: quando eu era mais nova, ia à balada do Inter, a dos arrumadinhos, que terminava mais cedo e era bem caretinha; à do Atlético acho que fui só uma vez e não curti muito; um pouco mais velha, meu point era o Sírio, com uma galera mais descolada e mais rock ‘n’ roll. Era o momento das descobertas, das primeiras paixõezinhas, daquelas amizades que a gente acha que vão durar até o fim da vida e de perceber como era bom paquerar e beijar na boca. Ah, se aquela pista falasse...

Lembro que todo domingo era a mesma batalha: eu pedia permissão para sair e meu pai não deixava, então eu usava aquele argumento (fraco) de adolescente: “Mas todo mundo vai!”. Eu já

acordava tensa por não saber se ele me deixaria ir — ou, caso deixasse, se me daria algum dinheiro.

Se ele não dava, eu apelava para o meu anjo da guarda, minha avozinha Maria, que morava no primeiro andar do prédio ao lado da nossa casa. A janela do apartamento dela dava para o nosso quintal; bastava eu assoviar e chamar “vóóó!” que ela, já sabendo de como as coisas funcionavam em casa, aparecia, me jogava alguns trocados e repetia com aquela voz doce e carinhosa: “Vai, filhinha, vai balançar o esqueleto. Se o seu pai falar que não tem dinheiro pra te dar, você diz que não precisa”.

Mas a verdade é que, apesar de toda a cisma do meu pai, eu nunca fiz nada de errado, não me metia em confusão, não bebia, sempre fui a mais sossegada da turma. Beijar, por exemplo, aconteceu só quando eu estava com dezesseis anos, quase dezessete. Foi voltando de uma dessas matinês, andando na rua com a galera, quando de repente um moleque me agarrou e rolou um beijo. Achei horrível, não tinha a menor ideia de como fazer aquilo e ao mesmo tempo morria de vergonha de que o menino pensasse que eu não sabia beijar. Mas no fim das contas acabei pegando o jeito. Ah, como adolescente sofre!

Nesse meio-tempo, tive o meu primeiro contato com a morte: perdi o meu avô Xavier, pai da minha mãe. Toda a família ficou abalada e preocupada com a minha avó. Percebíamos o quanto estava abatida. Mas ela era uma pessoa de força exemplar e viveu sua tristeza de forma reservada. A família sentiu muito a morte do meu avô, tudo sempre acontecia na casa deles, Natal, Páscoa etc. Dali para a frente, ficariam apenas a saudade e as lembranças.

Meu avô era uma figura que eu amava e que encantou a minha infância contando histórias fascinantes sobre a Antiguidade. Ele costumava dizer que eu era descendente de várias figuras históricas, da marquesa de Santos a Gêngis Khan. Falava que eu era bonita como a nobre e brava como o guerreiro. Ele me ensinou a tomar gosto pela leitura, me fez sonhar em ir à Grécia ver os templos, conhecer o berço do raciocínio lógico, saber mais sobre filosofia, visitar as tumbas do Egito, sonhos que ainda tenho. Certo dia, quando eu voltava da casa de uma amiga, soube que ele havia tido uma parada cardíaca. Foi assim, de repente, algo difícil de aceitar e uma perda que me impactou para o resto da vida.

O meu primeiro emprego veio aos quinze anos. Queria comprar uma prancha de bodyboard e, como meus pais não tinham dinheiro para isso, aproveitei a época de Natal para trabalhar como vendedora temporária numa loja de surfe na galeria AD Moreira. Dali em diante, não parei mais. Todo fim de ano eu dava um jeito de arranjar alguma vaga temporária e, tomando gosto por conquistar o meu dinheiro, passei por vários empregos: trabalhei em outras lojas, fui assistente de astróloga (ficava encarregada de desenhar os mapas astrais e, de quebra, aprendia muito, absorvendo tudo o que escutava ali), secretária numa empresa de transportes e até assistente de gerente num banco.

Chegou a época de escolher uma faculdade. Depois de cursar administração por três meses, percebi que aquela não era a área certa para mim, então prestei vestibular de novo e consegui entrar no curso de publicidade e propaganda da Universidade Católica de Santos. Foi nessa época que descolei um dos empregos mais

legais do mundo, na Rádio Enseada, como locutora. Era uma daquelas emissoras que faziam uma linha mais cool, tocando artistas como Sade e Sting. No começo foi meio complicado, eu não sabia o que fazer com tantos botões diante de mim. Além de ser a locutora, eu também tinha que operar a mesa de som, colocar CD, vinil e MD (minidisc, um formato de mídia digital rudimentar que nem existe mais). Tive também que aprender a falar com um tom de voz suave, típico das FMs dos anos 1980. Eu adorava tudo aquilo. Apesar de ser escalada em alguns fins de semana, os horários eram flexíveis e, afinal, eu estava trabalhando com música, algo que sempre tinha feito parte da minha vida.

Tive a sorte de ter uma educação musical muito rica e bem eclética. Minha mãe cantava e tocava violão, e na minha casa ouvíamos os discos da nata da MPB o tempo todo; artistas como Elis Regina, Gilberto Gil, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso não saíam da nossa vitrola. Minha tia Beth e meu tio Sérgio também me ensinaram muito sobre música. Eles moravam com a minha avó, e eu me lembro de ir até lá, entrar no quarto da minha tia beatlemaniaca, ver todos aqueles pôsteres de bandas na parede e passar um tempo ouvindo Beatles e Rolling Stones. Além disso, ela também curti Mutantes e Secos & Molhados. Meu tio gostava de algumas coisas mais pesadas. Eu pedia a ele que tocasse “Time” (faixa do clássico *Dark Side of the Moon*), do Pink Floyd, que eu chamava de “música do pico-pico” por conta do tique-taque de um relógio que aparece no início da música. Eu também adorava brincar com o *Physical Graffiti*, disco do Led Zeppelin cuja capa tem a foto da fachada de um prédio com várias janelinhas recortadas.



Meu irmão, Beto;
minha irmã,
Mariela; e eu,
com o cabelo
curto: o penteado
novo foi um
trauma.

Já minha tia mais velha, a Regina, tinha um gosto variado. Com ela eu curtia as músicas do Elvis, da Rita Lee, da Mercedes Sosa e tudo mais que tocava nas discotecas. Cresci aprendendo, ouvindo meus tios falarem com paixão sobre aquelas bandas e cantores, dizendo quem tocava bem, quais artistas eram importantes. Toda essa informação fez com que meus irmãos e eu criássemos uma forte ligação com essa arte que influenciaria nossa vida bem mais do que a gente podia imaginar: meu irmão acabou se tornando guitarrista e minha irmã, Mariela, se formou jornalista e trabalhou por um tempo como assessora de imprensa do CBJr.

E eu? Bom, para falar a verdade, nem nos meus sonhos mais loucos pensei que me tornaria algo que eu tanto admirava: musa inspiradora. Mas num tempo ainda muito distante de tudo isso acontecer, além de música, minha paixão era a moda. Cresci vendo minha avó e minha mãe costurando as próprias roupas, cercadas por revistas de moldes, e acabei aprendendo a costurar também, sem pensar que isso poderia ser uma profissão no futuro.

Tenho orgulho de ter feito muita roupinha de boneca para minha irmã, sete anos mais nova, e de conseguir copiar um casaco que eu queria muito, mas não tinha dinheiro para comprar. Minha mãe, superdetalhista e muito caprichosa, me dava bronca dizendo que o acabamento de uma roupa boa deve ser sempre impecável na frente e no avesso. Tudo o que ela fazia era perfeito. Mas eu confesso que na época, para o desespero dela, eu não tinha muita paciência, só queria ver minha roupa do domingo pronta. Criei e costurei muitos shorts, blusas, vestidos, casacos, o que quer que fosse. Só não fazia calça jeans. Achava tudo aquilo uma delícia.

Quando você é adolescente, adora ter uma roupa diferente, exclusiva, e com o tempo isso passou a fazer parte do meu cotidiano. E assim seguiu minha vida, com trabalho, amigos, namoradinhos, música, praia e muita batalha. O tempo foi deixando a relação com meus pais mais distante, mais fria, e eu acabei me tornando mais durona e independente, na medida do possível.

Nossa família não era do tipo que trocava muitos carinhos. Tinha amor e afetividade, sim, mas a gente não era de se abraçar e falar “eu te amo”. Até que em 1994, aos 23 anos, conheci um rapaz que, apesar da fama de mau, me ensinou a ser uma pessoa mais carinhosa. Aliás, nesse quesito ele dava aula. Era a pessoa mais amorosa do mundo com quem ele queria bem. Um moço chamado Alexandre, mais conhecido como Chorão.





Alexandre
com seu
inseparável
skate.

Naquele verão de 1994, em Santos, o lugar de a galera se encontrar, conversar e paquerar durante o dia continuava sendo a praia. Ainda não havia internet, mídias sociais, celular ou smartphone.

A praia do Joinville, no Canal 3, era o local em que o pessoal mais descolado da cidade gostava de ficar, mas também onde se reunia a galera com mais grana. Para ser sincera, não me sentia muito à vontade no Joinville, então ficava geralmente alguns metros à direita, do outro lado do canal, na praia que todo mundo chamava de Kitchens (uma referência à loja de móveis planejados que fica na avenida da praia na mesma direção), o que, apesar de próximo geograficamente, representava um outro ambiente social na pequena Santos. Aquele clima de ostentação não combinava comigo. Mas, como eu conhecia bastante gente, sempre fazia questão de dar uma passadinha por lá para ver os amigos e conversar um pouco.

Uma das amigas que eu encontrava no Canal 3 era a Mari, uma menina linda e muito gente boa que naquela época namorava o Ricardo, irmão mais velho do Alexandre. Eu também tinha um namorado, um menino bacana, que esteve comigo por quase três anos, mas era um relacionamento que já estava no fim, era mais amizade do que qualquer outra coisa. A Mari sabia disso e insistia o tempo todo que eu deveria conhecer o irmão do namorado dela, dizendo que nós tínhamos muito a ver um com o outro. Eu respondia: “Ah, Mari, deixa no gelo”. Mas, na verdade, eu sentia um certo medo da fama daquele irmão mais novo, que a cidade inteira conhecia como Chorão.